

---

## **Espiritualidade e tradição: a perspectiva ético-religiosa dos japoneses presentes em Santa Catarina entre a década de 1960 e 1970**

Guilherme José da Silva<sup>1</sup>

[guisilva.2186@gmail.com](mailto:guisilva.2186@gmail.com)

Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** Constituída através de um caldeirão cultural bastante específico, a tradição japonesa ligada à natureza e à ética da honra sempre se mostrou bastante forte nas pessoas influenciadas por estes preceitos, sendo japoneses de origem ou os ditos *nikkei*, em solo japonês ou do outro lado do mundo. É por meio desta tradição e dos traços ético-religiosos presentes na cultura japonesa, que procurarei trabalhar neste artigo o desenvolvimento das colônias japonesas em Santa Catarina, com enfoque nos núcleos de Curitibanos e Itajaí, e a relação entre o processo de imigração, do contato com um universo totalmente único e diferente e das relações culturais que compõe um desenvolvimento étnico-cultural bastante peculiar.

**Palavras-chave:** Imigração Japonesa; Tradição; Xintoísmo; Diálogo cultural.

**Abstract:** Constituted through a very specific cultural cauldron, the Japanese tradition in communion to nature and the ethics of honor has always proved quite strong in people influenced by these precepts, being Japanese of origin or the so-called Nikkei, on Japanese soil or on the other side of the world. It is through this tradition and the ethical-religious traits present in the Japanese culture, that I will try to work in this article the development of the Japanese colonies in Santa Catarina, focusing on the cores of Curitibanos and Itajaí, and the relation between the process of immigration, and the contact with a totally unique and different universe and the cultural relations that make up a very peculiar ethnic-cultural development

**Keywords:** Japanese immigration, Tradition; Shintô, cultural dialog.

### **Introdução**

O que me estimulou a escolher tal tema para este trabalho, em primeiro lugar, foi meu interesse pessoal em relação à cultura japonesa, mas principalmente pela perspectiva ética e mitológica deste povo. Com base primordial nisto este artigo tem como objetivo perceber de que maneira o desenvolvimento cultural das colônias japonesas, com foco no processo ético-religioso, se deu em terras brasileiras, mais especificamente em Santa Catarina, entre as décadas de 1960 e 1970 e como o xintoísmo se mostrou presente na vida destes imigrantes japoneses, sendo através de ritos cotidianos, eventos ou ensinamentos através de tradição oral.

A cultura japonesa ao longo dos séculos sempre foi bastante característica, mesmo quando se contrastou com diversas percepções de mundo a tradição nipônica nunca perdeu os

---

1 Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: [guisilva.2186@gmail.com](mailto:guisilva.2186@gmail.com).



traços que a qualificavam como tal, mesmo em constante ressignificação. Aspectos geográficos, climáticos, étnicos e históricos modelaram e remodelaram o *modus vivendi* desta nação, portanto, assim como os pensamentos japoneses se estruturaram de forma única, os pensamentos *Nikkei*<sup>2</sup> também passaram por variações bastante distintas devido a elementos similares.

Como a religiosidade xintoísta e o resgate às tradições, principalmente no regimento da conduta e da honra, estão intrinsecamente conectados com o modo de vida japonês, procurarei perceber como os imigrantes japoneses significavam e ressignificavam os princípios do *shintō*<sup>3</sup> e das tradições de acordo com sua nova realidade e de que maneira esta reorganização cultural influenciou no desenvolvimento das colônias e na vida destes imigrantes, pensando em como as especificidades de Santa Catarina estimularam os imigrantes japoneses a reconstruírem sua percepção adaptando-se a um universo diferente.

Para atingir meu objetivo com este artigo, procurarei me debruçar sobre trabalhos acadêmicos publicados em revistas a respeito das imigrações japonesas e relações destes com outras etnias imigrantes no estado de Santa Catarina, analisarei também festivais tradicionais, onde esta cultura xintoísta, tal como a reformulação da identidade ética japonesa, se mostra presente relacionando com os aspectos já citados. Além disto, farei uso de uma bibliografia tratando dos aspectos culturais, mitológicos e identitários japoneses e farei as relações necessárias para, enfim, contemplar a problemática elaborada.

## Traços Xintoístas no Brasil

Em um contexto mundial, o Japão possuiu diversos momentos em que se isolou economicamente e culturalmente do restante do globo, entretanto, grandes pilares de seu processo cultural se formaram a partir do contato com outros povos, como China e Coreia. Processos importantes, como desenvolvimento de uma escrita, centralização e constituição política, e até mesmo a elevação do Budismo vindo da China enquanto religião oficial<sup>4</sup> do

---

2 Denominação japonesa para imigrantes nipônicos que habitam fora do Japão.

3 Escrita cuneiforme que traduz os *Kanjis* que representam a palavra Xintoísmo, no idioma japonês.

4 Pode ser um pouco problemático colocar a possibilidade de uma “religião oficial” neste período (604 d.C, quando a Constituição que formaliza estas questões surge), considerando que o próprio processo de unificação japonesa se mostrava dificultoso. Embora o Budismo fosse apresentado como contraponto às tradições Xintoístas, as crenças ancestrais espirituais seguiam com patrocínios oficiais, sendo usadas como ferramentas legitimadoras de poder, em circunstâncias diferentes do Budismo. De fato, não era necessário a negação de uma para que houvesse a aceitação da outra.

Japão<sup>5</sup>. Pensando por este prisma, é possível afirmar que o Japão possui características peculiarmente paradoxais, ao mesmo tempo que a cultura japonesa se mostra aberta a novos sincretismos, ela mantém seus traços mais fortes, apresentando processos únicos de desenvolvimento e o mesmo se aplica aos *nikkei*.

O Brasil é uma nação jovem, caracterizada por imensa variedade de etnias, raças, culturas e nacionalidades. No campo da religião, embora seja conhecido como o maior país católico do mundo, possui espaço para a presença de religiões de origem japonesa, trazidas por imigrantes que aqui chegaram [a mais de um século]<sup>6</sup>.

Como André Richard<sup>7</sup> afirma em seu artigo, os próprios imigrantes japoneses no Brasil e descendentes mantinham e mantêm em âmbito doméstico a cultura religiosa nipônica viva por meio de símbolos ritualísticos, como o *butsudan*, uma espécie de mini altar de aspecto budista, os quais são atribuídos os *ihai*, tábuas de madeiras que representam nominalmente os antepassados que se transformariam em entidades protetoras do lar e conjuntamente ao *butsudan* há o *kamidama*, de caráter mais xintoísta, o qual carrega os nomes dos principais *Kami*<sup>8</sup> “Tais altares são indícios da sobrevivência de ambas as religiões mesmo após a vinda de japoneses para o Brasil e o processo de adaptação de elementos culturais a um contexto diverso”<sup>9</sup>. Em termos religiosos as duas filosofias vivem concomitantemente em harmonia, entretanto em termos institucionais e de produções acadêmicas o Budismo mostra-se mais poderoso que as tradições Xintoístas.

Enquanto os processos ritualísticos Budistas, no processo de desenvolvimento religioso japonês, mostravam-se voltados à corte imperial e apresentavam-se de modo “alheio” à população, como algo poderoso e extraordinário, já os aspectos Xintoístas eram caracterizados por serem mais ‘pessoais’, ligados às questões mais mundanas, principalmente na fertilidade do campo. Os *Kami* eram relacionados de acordo com as localizações e necessidades das comunidades, os cultos poderiam variar entre montanhas, rios, chuvas ou mesmo o próprio processo de colheita dos alimentos.

5 WAKISAKA, Geny. *Man'yōshū*: vereda do poema clássico japonês. São Paulo: Hucitec, 1992. pp. 7.

6 TOMITA, ANDRÉA G. S. As Novas Religiões Japonesas como instrumento de transmissão de cultura japonesa no Brasil. *Estudos da Religião*, São Paulo, n. 3. p. 88-102, 2004. pp. 89.

7 RICHARD, André. *Shintoísmo e culto aos Kami*: Aproximações e distanciamentos. Revista Nures. São Paulo. n. 9. Maio/Setembro de 2008. pp. 1.

8 Existe uma complexidade em traduzir a palavra *kami*. A palavra mais próxima ocidental seria “entidade” ou mesmo “deus”, entretanto este termo carrega significados muito mais profundos, principalmente em questões espirituais de percepção de mundo.

9 RICHARD, 2008. pp. 2.



Em Santa Catarina esta cultura é revivida em parte por meio do *Sakura Matsuri*, o festival das flores e dos frutos das cerejeiras, em Frei Rogério. “No Japão, a árvore e sua flor simbolizam a sensibilidade da vida, tanto o sentir as mudanças das estações, como a fragilidade e finitude do viver”<sup>10</sup>. Embora o festival tenha cunho turístico e econômico, como vários festivais de imigrantes em Santa Catarina, é inegável a importância de ressignificação de características culturais nipônicas.

Na festa da floração da cerejeira, também se celebra o recomeço e o caráter parcialmente cíclico da vida, das flores, das árvores e das pessoas que as contemplam. Da flor faz-se festa e da festa, colhem-se muitos frutos, tanto para quem a promove, como para quem a frequenta e passa a conhecer um pouquinho mais o que os japoneses de Frei Rogério apresentam sobre o Japão que criaram para si mesmos e para os de fora. Ao apreciar a celebração da flor, observam-se rituais e saboreiam-se gastronomia, cores, paisagens e sabores nem tão brasileiros assim, nem tão japoneses de fato<sup>11</sup>.

## Japoneses em Santa Catarina

Constituindo a maior população japonesa fora do Japão, com 1,5 milhões de imigrantes<sup>12</sup>, o Brasil abarca não somente este grupo étnico, mas também uma série de culturas vindas com objetivos parecidos.

O governo do Estado de São Paulo [do início do século XX] atuando na política internacional de conquistar mercados para o café produzido, encontrava no Japão, um possível aliado que compraria a bebida e forneceria parte da mão-de-obra para a lavoura cafeeira. (...) A imigração japonesa iniciava no Brasil, após períodos de discussões e debates acerca da introdução dos trabalhadores asiáticos. Contudo, mesmo “iniciando” intercâmbio Japão-Brasil e efetuando as relações diplomáticas entre os dois países, os preconceitos, discriminações e construção de imagens através de estereótipos japoneses permaneciam<sup>13</sup>.

Embora o grande polo de imigração japonesa tenha se agrupado em São Paulo, tendo como marco atual o Bairro da Liberdade, Santa Catarina também atraiu o povo nipônico. A

10 MARTINELLO, André S. *Comemorar as flores e os frutos das cerejeiras: a festa Sakura Matsuri em Frei Rogério (SC)*. 2011. Disponível em <<http://www.slowfoodbrasil.com/textos/alimentacao-e-cultura/476-comemorar-as-flores-e-os- frutos-das-cerejeiras-a-festa-sakura-matsuri-em-frei-rogerio-sc>>. Acesso em: 5 de jun. de 2015.

11 Ibidem, 2001.

12 GONÇALVES, Cíntia R. S. A. LOPES, Maria M. C. PAIVA, Eliane M. *Ensaio sobre a herança cultural japonesa incorporada à sociedade brasileira* / Fundação Alexandre de Gusmão. - Brasília: FUNAG, 2008. pp. 87.

13 MARTINELLO, André. *Política Agrária e Imigratória nas Colônias Japonesas de Santa Catarina (1961 – 1978)*. Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina. [monografia]. 2007. pp. 26-27.



imigração japonesa mostrou-se mais constante com o período pós-guerra, com o foco já citado em São Paulo, entretanto

Em Santa Catarina, os maiores fluxos migratórios de japoneses e descendentes se dão a partir de 1966, com a inauguração efetiva, pelo governo estadual, da primeira colônia oficial. Ela se localiza no distrito de Frei Rogério, na época município de Curitibanos. A colonização japonesa com distribuição ao longo do território catarinense está fortemente ligada ao papel do governo estadual como principal indutor e apoiador na instalação de núcleos coloniais<sup>14</sup>.

Em um “contexto de distribuição e acesso desigual à terra [no início da década de 1960], mas de um momento favorável para a luta da reforma agrária (...) o Estado de Santa Catarina permitia a destruição das suas pequenas propriedades”<sup>15</sup>. Em 1963, em meio a estas conturbações ligadas à questão agrária, em parceria com o Consulado Japonês de Porto Alegre e o Instituto Japonês de Imigração e Colonização (JAMIC) é anunciada a vinda colonizadora de imigrantes japoneses para Curitibanos<sup>16</sup>.

Ao IRASC [Instituto de Reforma Agrária de Santa Catarina, criado dois anos antes], ficava estabelecido realizar a demarcação dos lotes para localização das cinquenta primeiras famílias, desapropriar as terras necessárias, construir a estrada principal e os acessos aos lotes, transportar parte das famílias e construir as residências dos colonos até o fim do ano de 1963<sup>17</sup>.

O núcleo agrícola em que a nova Colônia de Curitibanos iria instalar-se era denominado Celso Ramos, não era coincidência o núcleo receber o nome do governador na época, a publicidade encrostada nestes atos simbólicos impulsionava a fama destes políticos. Diferentemente da tentativa de 1927, onde o primeiro núcleo de imigrantes que compunha japoneses tentou instalar-se no estado, este processo de inserção de imigrantes nipônicos em território catarinense mostrou-se muito eficaz<sup>18</sup>.

Entretanto, a busca por imigrantes japoneses não se fixava apenas para Curitibanos

Em janeiro de 1974, o jornal O’Estado divulgava que as expectativas agrícolas voltavam-se para a criação de colônias japonesas em todo o território catarinense. Havia o projeto de atração e instalação dez famílias japonesas em Criciúma, para trabalharem com horticultura e fruticultura, e dizia-se que mais

14 MARTINELLO, ANDRÉ S; CARVALHO, ELY B. Colonização japonesa em Santa Catarina – Metamorfoses na imigração tutelada. *História Unisinos*. v. 15, n. 3, p. 453-465, 2011. pp. 456.

15 MARTINELLO, 2007. pp. 37.

16 Ibidem. pp. 37.

17 Ibidem. pp. 37-38.

18 Ibidem. pp. 40.



---

de cinquenta famílias formariam um núcleo nipônico no município de Porto União, onde se dedicariam ao cultivo de frutas da região<sup>19</sup>.

Desta maneira, é perceptível as diversas solicitações em relação ao fluxo interno migratório quando o núcleo japonês em Itajaí começou a ser desenvolvido. “Segundo os discursos da época, os japoneses estavam sendo recrutados para modernizarem a agricultura, produzirem alimentos e ensinarem técnicas de cultivos aos brasileiros”<sup>20</sup>. O processo de vinda destes imigrantes para o núcleo formado em Itajaí acabou por atrair uma quantidade considerável de migrantes nipônicos, vindos de estados vizinho e mesmo de São Paulo<sup>21</sup>.

A eleição dos japoneses, como aqueles responsáveis por ensinamentos de técnicas aos agricultores brasileiros, também acabava por idealizar, senão construir, uma imagem dos nipônicos, como os “bem-sucedidos” e portadores do desenvolvimento de técnicas modernas. (...) as imagens e os preconceitos acerca dos agricultores nipônicos e dos brasileiros, influenciaram sensivelmente nas políticas governamentais, sendo o esperado ensino da “ideologia do trabalho moderno” por parte dos japoneses, aos “colonos nacionais”. Estamos diante de um exemplo de “colonização pedagógica”, ideia fortemente presente na formação do Núcleo Rio Novo, bem como nos demais núcleos coloniais japoneses criados pelos governos<sup>22</sup>.

O autor aponta ainda que “(...) a imigração japonesa demonstra que Santa Catarina também teve em sua formação social, um “mosaico étnico” e cultural importante”<sup>23</sup>. Como André Souza Martinello desenvolve em sua monografia, o estado catarinense possui uma imagem atribuída à sua herança cultural pautada na composição de etnias europeias, e que por vezes grupos que não se encaixam nestes parâmetros, continuamente caracterizados como “bem-sucedidos” e variações semelhantes, acabam, de certa forma, sendo invisibilizados.

### **Nikkeis: mudanças e permanências.**

No século XX eram constantes os projetos de construção nacional, vindos de uma herança europeia do século XIX. “Nos países do extremo leste asiático o processo não foi diferente, porém a motivação se deu principalmente pela presença dos europeus que buscavam

---

19 MARTINELLO, André Souza. KLUG, João. A criação do Núcleo Rio Novo os Migrantes Japoneses em Itajaí. *Blumenau em Cadernos*, v. XLVIII. pp. 58-72. 2007. pp. 60.

20 Ibidem. pp. 60.

21 Ibidem. 67.

22 Ibidem. pp. 67-68.

23 Ibidem. pp. 127.



novos mercados consumidores e áreas para exploração de matéria-prima”<sup>24</sup>. Dentro deste contexto procurava-se construir identidades nacionais, e esta ferramenta de legitimação perante ao mundo não era exclusiva japonesa, embora nosso foco seja a identidade nipônica.

Inazo Nitobe (1862-1933) não foi um filósofo, mas tinha como preocupação encontrar uma identidade para os japoneses no início do século XX (...). A concepção de identidade nacional proposta por Nitobe e apresentada ao público ocidental por meio da obra *Bushido – The Soul of Japan* (1900), era baseada na releitura do antigo código de conduta dos samurais (*bushidô*) associado com valores cristãos que deveria ter como principal papel possibilitar a aproximação cultural entre ocidente e Japão, além de fornecer uma identidade nos moldes dos padrões europeus. O processo pelo qual o Japão passou é similar ao que os povos europeus passaram para construir a ideia de tradição<sup>25</sup>.

A criação de uma identificação interna reflete exteriormente falando também. A partir do momento que se legitima determinados aspectos internos, os elementos externos tornam-se menos turvos e, portanto, mais facilmente qualificados. Este desenvolvimento identitário japonês possuiu importância para o país exportar a imagem que ressignificava de si mesmo, a qual era pautada em conceitos historicamente empregados aos nipônicos, principalmente ligados à tradição.

Já no Brasil, os imigrantes nipônicos trouxeram consigo, em certa medida, estes trejeitos culturais, o que de determinadas formas ocasionou uma dificuldade de miscigenação com as diversas etnias também imigrantes e já presentes aqui. Em Santa Catarina esta dificuldade mostrou-se ainda mais visível, devido ao caldeirão cultural efervescente que abarcava imigrantes de diversas partes do mundo,

O que dificulta a miscigenação, fazendo recrudescer, ao contrário, as valorações etnocêntricas, o idioma, a religião, o sistema familiar, as concepções políticas, os hábitos de higiene, a cozinha e uma infinidade de costumes são de tal modo díspares que a aculturação exige uma prévia fase de desintegração cultural bem mais radical e profunda nos japoneses e nipo-brasileiros do que em imigrantes de proveniência europeia<sup>26</sup>.

---

24 NUNES, Gabriel Pinto. O Bushidô por Nitobe: Uma nova identidade para a sociedade japonesa no século XX. Dilemas e desafios na contemporaneidade. III SIDIS. pp. 2

25 Ibidem. pp. 5.

26 SCHADEN, Egon. Aculturação de Alemães e Japoneses no Brasil. In: *Revista Brasileira de Antropologia*. São Paulo, FFLCH, vol 4, n.1, junho de 1956. pp. 44.



Ergon Schaden ainda afirma que existe uma dificuldade em se afirmar que há uma cultura ‘nipo-brasileira’, tal como existiu uma assimilação teuto-brasileira, devido aos conflitos étnicos que se configuraram do choque cultural nos primeiros contatos das imigrações. Para ele:

Tal seria possível se a aculturação, nas colônias japonesas, se desenvolvesse de forma que após uma fase de nivelamento cultural e social de cada núcleo, houvesse tempo e condições propícias para uma rediferenciação sobre a base de uma estratificação social no interior dos próprios núcleos<sup>27</sup>.

Entretanto, cabe aqui ressaltar que qualificar uma cultura como imutável, principalmente estando em contato com uma enxurrada étnico-cultural constante, a qual foi Santa Catarina no século XX, principalmente a partir das décadas de 1960, é um tanto problemático. Segundo Willens:

A miscigenação estaria condicionada às diferenças raciais, culturais e de classe social. As diferenças raciais poderiam adquirir significados culturais e sociais para os grupos em contato, dificultando a miscigenação; mas neste momento, [o autor] não conseguiu avaliar se isto ocorreria entre japoneses e brasileiros<sup>28</sup>.

Elucido aqui que as limitações teóricas, tanto de Schaden quanto Willens esbarram em seu contexto de produção. Ambos confeccionados entre as décadas de 1940 e 1950 possuíam em mãos, principalmente, a extrapolação intelectual e o exercício de imaginação, obviamente não desconsiderando as análises sociológicas e antropológicas feitas acerca do tempo presente naquela época. Arrisco-me aqui a colocar que seria ingenuidade achar que de fato a miscigenação citada por Willens não ocorreria, considerando a amálgama cultural que temos hoje em dia em todo o Brasil.

## Considerações Finais

Levando em conta o processo histórico cultural brasileiro, antes e depois da conquista europeia em solo americano, o cenário étnico das terras tupiniquins sempre foi extremamente variado. Considerando o contexto específico do início e desenvolvimento da primeira metade

---

27 Ibidem. pp. 45.

28 NUCCI, Priscila. Emilio Willems e os estudos sobre os imigrantes japoneses. In: *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História*, 24. 2007, São Leopoldo, RS. pp. 2.



do século XX, é possível afirmar com segurança de que o Brasil é composto por identificações culturais variadas e que estas diversas identificações dialogam constantemente.

O desenvolvimento das variações culturais *Nikkei* é um exemplo interessante de como a variabilidade étnica brasileira se construiu de maneira múltipla. Mesmo o povo japonês conhecido por resgates constantes à própria tradição e por distintos momentos históricos onde manteve sua cultura hermeticamente fechada para o resto do mundo em certos aspectos, mostrou-se influenciado e influenciador quando em contato com a multiplicidade cultural brasileira.

Este artigo procurou abordar justamente o desenvolvimento de uma maleabilidade cultural nipo-brasileira, focando principalmente em aspectos resgatados voltados aos imigrantes japoneses em Santa Catarina, aos aspectos ético-religiosos contidos nos traços culturais *nikkei* e a relação destes processos com a tradição identitária ressignificada do século XX.

## Referências

BENEDICT, Ruth. *O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BORGES, Rosângela de Fátima. *A imigração japonesa em Curitiba*. Caçador, SC: Angelus, [2004]. 90p.

GONÇALVES, Cíntia R. S. A. LOPES, Maria M. C. PAIVA, Eliane M. *Ensaio sobre a herança cultural japonesa incorporada à sociedade brasileira*. Fundação Alexandre de Gusmão. Brasília: FUNAG, 2008. 260 p.

MARTINELLO, André Souza. KLUG, João. A criação do Núcleo Rio Novo os Migrantes Japoneses em Itajaí. *Blumenau em Cadernos*, v. XLVIII. pp. 58-72. 2007.

MARTINELLO, ANDRÉ S; CARVALHO, ELY B. Colonização japonesa em Santa Catarina - Metamorfoses na imigração tutelada. *História Unisinos*. v. 15, n. 3, p. 453-465, 2011.

MARTINELLO, André Souza. *Formação de Colônias Japonesas em Santa Catarina: notícias e abordagens de jornais nas décadas de 1960 e 1970*. Florianópolis, SC, [s.n], 2008. 88 p. : il., 29cm

MARTINELLO, André S. *Comemorar as flores e os frutos das cerejeiras: a festa Sakura Matsuri em Frei Rogério (SC)*. 2011. Disponível em <<http://www.slowfoodbrasil.com/textos/alimentacao-e-cultura/476-comemorar-as-flores-e-os-frutos-das-cerejeiras-a-festa-sakura-matsuri-em-frei-rogerio-sc>>. Acesso em: 5 de jun. de 2015.

MARTINELLO, André Souza. *Política Agrária e Imigração nas Colônias Japonesas de Santa*

---

*Catarina (1961 – 1978)*. Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina. [monografia]. 2007.

MARTINELLO, André Souza. Representação cartográfica dos japoneses “estrangeiros” em Santa Catarina, segundo os censos de 1940-1980. *Revistas Percursos*. Florianópolis, v. 10, n. 1. p. 76-93, 2009.

NUCCI, Priscila. Emilio Willems e os estudos sobre os imigrantes japoneses. In: *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História*, 24. 2007, São Leopoldo, RS.

NUNES, Gabriel Pinto. O Bushidô por Nitobe: Uma nova identidade para a sociedade japonesa no século XX. *Dilemas e desafios na contemporaneidade*. III SIDIS. pp. 1-11.

RICHARD, André. Shintoísmo e culto aos Kami: Aproximações e distanciamentos. *Revista Nures*. São Paulo. n. 9. Maio/Setembro de 2008. pp. 1-7.

SCHADEN, Egon. Aculturação de Alemães e Japoneses no Brasil. In: *Revista Brasileira de Antropologia*. São Paulo, FFLCH, vol 4, n.1, junho de 1956.

SEGANFREDO, Carmen. *As melhores histórias da Mitologia Japonesa*. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2011.

TOMITA, ANDRÉA G. S. As Novas Religiões Japonesas como instrumento de transmissão de cultura japonesa no Brasil. *Estudos da Religião*, São Paulo, n. 3. p. 88-102, 2004.

WAKISAKA, Geny. *Man'yōshū: vereda do poema clássico japonês*. São Paulo: Hucitec, 1992. 288p.

---

Recebido em 14 de junho de 2015.

Aceito para publicação em 21 de agosto de 2017.

